



**INSTITUTO
FEDERAL**
Rio de Janeiro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Campus Realengo

Curso Bacharelado Em Terapia Ocupacional

Gabriela de Almeida Brasil

**O EXCESSO DE ATENDIMENTOS E COMO ISSO AFETA
A EVOLUÇÃO CLÍNICA E O FUNCIONAMENTO
ADAPTATIVO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA**

Rio de Janeiro
2024

GABRIELA DE ALMEIDA BRASIL

O EXCESSO DE ATENDIMENTOS E COMO ISSO AFETA A EVOLUÇÃO CLÍNICA E O FUNCIONAMENTO ADAPTATIVO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Trabalho de Conclusão de Curso a ser submetido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, com requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Profa. Mestre. Márcia Dolores Carvalho Gallo

Rio de Janeiro

2024

GABRIELA DE ALMEIDA BRASIL

O EXCESSO DE ATENDIMENTOS E COMO ISSO AFETA A EVOLUÇÃO CLÍNICA E O FUNCIONAMENTO ADAPTATIVO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Aprovada em 19 de__ dezembro de 2024.

Conceito:10_____

Banca Examinadora

Prof^a. Mestre Márcia Dolores Carvalho Gallo - (Orientadora)

Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof^a. Marcelle Carvalho Q. Graça- (Titular Membro Interno)

Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof^a. Geruza Valadares Souza- (Titular Membro Interno)

Instituto Federal do Rio de Janeiro

Tereza Coeli Alves da França- (Suplente Membro Externo)

Terapeuta Ocupacional

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição que requer intervenções terapêuticas para promover o desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e adaptativas. Contudo, o excesso de atendimentos pode gerar impactos negativos no bem-estar emocional e físico das crianças, comprometendo a eficácia das terapias e a qualidade de vida. Este estudo, de abordagem qualitativa, baseou-se em uma revisão de literatura com o objetivo de analisar os efeitos adversos da sobrecarga terapêutica em crianças com TEA e propor estratégias que minimizem esses impactos. A pesquisa foi realizada nas bases SciELO, PubMed e Google Acadêmico, abrangendo artigos publicados entre 2000 e 2024. Foram analisados 50 artigos, dos quais 3 atenderam aos critérios de inclusão. Os resultados indicam que a sobrecarga terapêutica pode levar à regressão e estagnação em habilidades, aumento de comportamentos desafiadores e dificuldades de integração social, além de afetar negativamente as relações familiares. Estratégias como o planejamento individualizado, pausas regulares, integração de abordagens terapêuticas e maior participação da família são essenciais para equilibrar o desenvolvimento clínico e o bem-estar geral da criança. Este estudo reforça a necessidade de diretrizes baseadas em evidências para orientar as práticas terapêuticas, promovendo um desenvolvimento saudável e sustentável para crianças com TEA.

Palavras-chave: Autismo, Tratamento, Excesso de atendimento.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a condition that requires therapeutic interventions to promote the development of social, cognitive, and adaptive skills. However, excessive treatment can have negative impacts on children's emotional and physical well-being, compromising the effectiveness of therapies and their quality of life. This qualitative study was based on a literature review with the aim of analyzing the adverse effects of therapeutic overload in children with ASD and proposing strategies to minimize these impacts. The research was conducted in the SciELO, PubMed, and Google Scholar databases, covering articles published between 2000 and 2024. A total of 50 articles were analyzed, of which 3 met the inclusion criteria. The results indicate that therapeutic overload can lead to regression and stagnation in skills, increased challenging behaviors, and difficulties in social integration, in addition to negatively affecting family relationships. Strategies such as individualized planning, regular breaks, integration of therapeutic approaches, and increased family involvement are essential to balance clinical development and the child's overall well-being. This study reinforces the need for evidence-based guidelines to guide therapeutic practices, promoting healthy and sustainable development for children with ASD.

Keywords: Autism, Treatment, Overcare.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

ESF: Estratégia de Saúde da Família

LA: Luz Artificial

OMS: Organização Mundial da Saúde

P.A.: Pressão Arterial

TEA: Transtorno do Espectro Autista

TCC: Trabalho de Conclusão de Curso

CIP - Catalogação na Publicação

B823e Brasil, Gabriela de Almeida

O excesso de atendimentos e como isso afeta a evolução clínica e o funcionamento adaptativo de crianças com transtorno do espectro autista / Gabriela de Almeida Brasil - Rio de Janeiro, 2024.

40 f.

Orientação: Márcia Dolores Carvalho Gallo.

Trabalho de conclusão de curso (graduação), Bacharelado em Terapia Ocupacional, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Campus Realengo, 2024.

1. Autismo. 2. Sobrecarga de atendimentos. 3. Funcionamento adaptativo. I. Gallo, Márcia Dolores Carvalho, **orient.** II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. III. Título.

CDU 615.851.3

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. O Papel das Intervenções Terapêuticas no TEA.....	10
1.1.1. Principais abordagens terapêuticas utilizadas no tratamento do TEA.....	10
1.1.2. A importância da intervenção precoce e contínua de forma proporcional	16
1.2. O Impacto do Excesso de Atendimentos na Evolução Clínica.....	21
1.3. Intervenções terapêuticas e sua importância no tratamento do TEA	22
1.4. Abordagens centradas no desenvolvimento e terapias inovadoras	23
2. MATERIAIS E MÉTODOS.....	25
3. DISCUSSÃO	27
3.1. O Problema do excesso de atendimentos e justificativa do estudo	27
3.2. Como o Excesso de Intervenções Afeta o Funcionamento Adaptativo.....	29
3.3. Sobrecarga sensorial e sua influência na evolução clínica.....	31
3.4. Regressão e estagnação em habilidades devido à sobrecarga terapêutica.	33
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS	39

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento complexo que afeta a interação social, a comunicação e o comportamento, com manifestações que geralmente surgem nos primeiros anos de vida. Estima-se que o TEA acometa aproximadamente 1 (um) em cada 36 (trinta e seis) crianças, sendo mais prevalente em meninos, o que reforça sua relevância como tema de pesquisa e intervenção na área da saúde e da educação (HIROTA; KING, 2023). Além dos sintomas centrais, o TEA frequentemente está associado a condições comórbidas, como convulsões, distúrbios do sono, dificuldades alimentares e sensoriais, além de possíveis déficits intelectuais, o que amplia a complexidade do manejo clínico (SALARI et al., 2022).

O aumento relevante no número de diagnósticos de TEA vem fomentando debates significativos sobre a eficácia e os possíveis impactos das intervenções terapêuticas, especialmente quando realizadas de forma intensiva, sendo configurado nessa temática o problema dessa pesquisa.

As principais abordagens, como Análise do Comportamento Aplicada (ABA), fonoaudiologia, terapia ocupacional e psicopedagogia, têm sido amplamente utilizadas com o objetivo de desenvolver habilidades sociais, comunicativas e adaptativas em crianças com TEA (MASCARENHAS et al., 2022). Contudo, o excesso de atendimentos terapêuticos pode levar à sobrecarga emocional e física, comprometendo o bem-estar e o funcionamento adaptativo das crianças, como alertam Fernandes et al. (2022).

Este trabalho, de natureza bibliográfica, tem como objetivo revisar e discutir os efeitos do excesso de atendimentos terapêuticos no desenvolvimento clínico e adaptativo de crianças com TEA. Por meio da análise de estudos acadêmicos e revisões sistemáticas, busca-se compreender como o excesso de intervenções pode impactar negativamente a evolução dessas crianças, considerando aspectos como sobrecarga sensorial, estresse emocional e redução da autonomia no ambiente familiar e social.

A relevância deste estudo está em destacar a importância do equilíbrio entre a frequência e a intensidade das intervenções terapêuticas, com enfoque na

individualização e proporcionalidade do planejamento terapêutico. Assim, esta pesquisa pretende oferecer subsídios para a prática clínica e educacional, promovendo abordagens mais eficazes e centradas nas necessidades específicas de cada criança com TEA.

1.1. O Papel das Intervenções Terapêuticas no TEA

1.1.1. Principais abordagens terapêuticas utilizadas no tratamento do TEA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurodesenvolvimental sendo caracterizada por um espectro de sintomas que variam em intensidade e impacto. O termo "espectro" refere-se à ampla diversidade nas habilidades e desafios enfrentados pelas pessoas com TEA. Enquanto algumas podem apresentar dificuldades significativas na fala e no relacionamento social, outras podem ser altamente funcionais, mas ainda assim enfrentam dificuldades nas interações sociais e na adaptação a mudanças (HIROTA; KING, 2023). De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a prevalência global do TEA está aumentando, e estima-se que um em cada 100 indivíduos seja diagnosticado com a condição (SALARI et al., 2022).

Uma das principais características do TEA é a dificuldade na comunicação social, o que pode se manifestar de diferentes formas. Algumas crianças com TEA podem não desenvolver a fala ou podem ter um vocabulário limitado, enquanto outras podem ter uma fala desenvolvida, mas apresentam dificuldades em manter uma conversa recíproca ou entender nuances sociais, como sarcasmo ou linguagem corporal (FERNANDES et al., 2022). Essas dificuldades na comunicação podem levar ao isolamento social e dificuldades na formação de relacionamentos interpessoais.

Além dos desafios na comunicação, os comportamentos repetitivos e os interesses restritos são outras características centrais do TEA. Crianças com TEA podem demonstrar comportamentos como balançar-se, girar objetos, ou realizar rituais repetitivos, como seguir uma rotina específica rigidamente. Esses comportamentos muitas vezes servem como uma maneira de lidar com o estresse ou a sobrecarga sensorial, que são comuns em pessoas com TEA (Gaiato, 2018).

Além disso, o foco intenso em interesses específicos, como números, mapas ou determinados tópicos, é um traço comum, embora possa variar de pessoa para

pessoa (HIROTA; KING, 2023).

O diagnóstico do TEA é baseado em uma avaliação clínica abrangente, que inclui o histórico de desenvolvimento da criança e observações de comportamento. Embora não haja um exame médico específico que diagnostique o autismo, instrumentos padronizados, como a Escala de Observação para Diagnóstico do Autismo (ADOS) e o Entrevista Diagnóstica para o Autismo Revisada (ADI-R), são comumente utilizados para apoiar o diagnóstico (FERREIRA; VORCARO, 2017).

Esses instrumentos ajudam a identificar os comportamentos e padrões de desenvolvimento associados ao espectro, permitindo uma intervenção precoce, que é crucial para o desenvolvimento da criança.

O início dos sintomas geralmente ocorre nos primeiros três anos de vida, e muitas vezes os pais são os primeiros a perceber atrasos no desenvolvimento da fala ou comportamentos incomuns. Estudos indicam que intervenções precoces podem fazer uma diferença significativa no desenvolvimento de habilidades de comunicação e sociais, melhorando a qualidade de vida das crianças com TEA (MASCARENHAS et al., 2022). No entanto, o tratamento não visa "curar" o autismo, mas sim apoiar o desenvolvimento da criança e promover sua autonomia e bem estar.

Outro fator central no TEA são alterações sensoriais de modulação e dispraxia. Muitas crianças com TEA têm respostas atípicas a estímulos como luzes brilhantes, sons altos, texturas e muitos outros. Essas sensibilidades sensoriais podem afetar profundamente o comportamento e a capacidade da criança de se adaptar a diferentes ambientes, tornando difícil a participação em atividades cotidianas, como ir à escola ou interagir socialmente (FERNANDES et al., 2022). Adaptar o ambiente para minimizar a sobrecarga sensorial é um aspecto crucial do tratamento e da educação de crianças com TEA.

As intervenções para crianças com TEA geralmente são multidisciplinares, incluindo fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, psicólogos e professores especializados. Cada um desses profissionais tem um papel importante no desenvolvimento das habilidades da criança, desde a melhoria da comunicação até o fortalecimento das habilidades motoras finas e a regulação emocional (ALMEIDA; ALPES; MANDRÁ, 2022). No entanto, é essencial que essas intervenções sejam

personalizadas para atender às necessidades individuais da criança, evitando a sobrecarga de terapias que podem gerar mais estresse do que benefícios.

A interação social limitada também é uma característica marcante do TEA. Crianças com TEA podem ter dificuldade em fazer amigos, entender as regras sociais e interpretar emoções. Essa falta de compreensão dos códigos sociais muitas vezes leva ao isolamento, e a intervenção social precoce, como terapias de habilidades sociais, pode ajudar a mitigar esses desafios, permitindo que as crianças desenvolvam relações mais significativas (FERNANDES et al., 2022). O foco nessas terapias é construir habilidades de reciprocidade social e ajudar a criança a compreender as normas sociais de maneira prática e estruturada.

No contexto do desenvolvimento adaptativo, crianças com TEA podem apresentar atrasos na aquisição de habilidades práticas, como vestir-se, alimentar-se e cuidar da higiene pessoal. Isso pode exigir intervenções contínuas para ajudar a desenvolver a independência nas atividades diárias. A abordagem centrada no indivíduo, que respeita o ritmo de cada criança, é essencial para garantir que os avanços nas terapias sejam sustentáveis e benéficos a longo prazo (MASCARENHAS et al., 2022).

Por fim, a diversidade de sintomas e o espectro de gravidade no TEA indicam que cada criança requer um plano de tratamento personalizado. A compreensão das necessidades específicas da criança, a adaptação das terapias para evitar sobrecarga e a criação de um ambiente que suporte seu desenvolvimento são os pilares de uma intervenção eficaz. O equilíbrio entre a intervenção terapêutica e o bem-estar emocional é essencial para garantir que a criança com TEA possa desenvolver seu potencial ao máximo, respeitando suas características individuais e necessidades sensoriais (ALMEIDA; ALPES; MANDRÁ, 2022).

As intervenções terapêuticas para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) são fundamentais para promover o desenvolvimento de habilidades sociais, de comunicação e adaptativas. No entanto, devido à complexidade do espectro autista, não existe uma abordagem única que se aplique a todos os casos. As terapias são ajustadas às necessidades individuais de cada criança, com base nas suas características específicas e nível de comprometimento. Dentre as principais abordagens terapêuticas para o TEA, destacam-se a terapia comportamental,

fonoaudiológica, ocupacional e psicopedagógica (HIROTA; KING, 2023).

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é uma das terapias mais amplamente utilizadas no tratamento de crianças com TEA. ABA é baseada em princípios comportamentais e visa modificar comportamentos problemáticos, ensinando novas habilidades por meio do reforço positivo. Estudos indicam que a intervenção precoce baseada em ABA pode ser altamente eficaz, promovendo ganhos significativos em áreas como a comunicação, habilidades sociais e comportamentos adaptativos (FERNANDES et al., 2022). ABA utiliza um modelo intensivo, frequentemente com 20 a 40 horas semanais de terapia, o que levanta questionamentos sobre o impacto da intensidade no bem-estar da criança.

A terapia fonoaudiológica também desempenha um papel crucial, pois muitos indivíduos com TEA apresentam desafios na comunicação. A fonoaudiologia visa desenvolver habilidades de linguagem, incluindo a compreensão, expressão verbal e não-verbal. Segundo Mascarenhas et al. (2022), o trabalho dos fonoaudiólogos no tratamento de crianças com TEA é especialmente relevante na fase inicial do desenvolvimento, quando o atraso na fala é comum. Além disso, os fonoaudiólogos utilizam técnicas variadas, como o uso de dispositivos de comunicação alternativa para crianças que têm dificuldades severas de fala, promovendo assim uma maior inclusão nas interações sociais.

A terapia ocupacional é outra abordagem frequentemente recomendada para crianças com TEA, focando no desenvolvimento de habilidades motoras finas, integração sensorial e atividades diárias, como se vestir, alimentar-se e interagir com o ambiente de forma funcional (ALMEIDA; ALPES; MANDRÁ, 2022). Muitas crianças com TEA apresentam dificuldades sensoriais e a terapia ocupacional trabalha para ajudar a criança a regular essas respostas sensoriais, facilitando a sua adaptação a ambientes variados. Laureano et al. (2017) destacam que a criação de ambientes sensoriais adequados pode ser uma intervenção terapêutica eficiente para lidar com essas dificuldades.

Além dessas terapias tradicionais, abordagens baseadas em desenvolvimento, como a Floortime e o Modelo Denver de Intervenção Precoce, também têm ganhado destaque no tratamento do TEA. Essas terapias são centradas no relacionamento e nas interações naturais, estimulando o desenvolvimento da criança por meio de brincadeiras e atividades cotidianas. Ao contrário da ABA, que se concentra em

técnicas de modificação de comportamento, essas abordagens visam fortalecer os vínculos emocionais e promover a autossuficiência nas interações sociais (FERNANDES et al., 2022). O Floortime, por exemplo, encoraja os pais a se envolverem em atividades que sigam os interesses da criança, promovendo o desenvolvimento emocional e cognitivo por meio de interações espontâneas.

No contexto escolar, o acompanhamento psicopedagógico tem se mostrado uma ferramenta essencial para o desenvolvimento das crianças com TEA. A inclusão de profissionais psicopedagogos no ambiente escolar possibilita a personalização do ensino, adaptando-o às necessidades específicas da criança, além de trabalhar as dificuldades de aprendizado (DA SILVEIRA, 2020). A função do psicopedagogo vai além da sala de aula, pois envolve também a orientação familiar e o suporte emocional, buscando criar um ambiente harmonioso para o desenvolvimento da criança.

Outra intervenção amplamente utilizada no tratamento do TEA é a terapia assistida por animais, que visa estimular as habilidades sociais, emocionais e motoras das crianças por meio da interação com animais. Essa modalidade terapêutica tem se mostrado promissora, pois permite a criação de um vínculo afetivo com o animal, o que pode ajudar a reduzir o estresse e a ansiedade nas crianças com TEA (Gaiato, 2018). A terapia assistida por animais também oferece oportunidades para o desenvolvimento de comportamentos positivos, como a empatia e o cuidado com os outros, que muitas vezes são desafiadores para crianças no espectro.

Além das terapias focadas diretamente na criança, o envolvimento da família é crucial para o sucesso do tratamento. Programas de treinamento parental, que ensinam os pais a aplicar técnicas terapêuticas em casa, têm mostrado resultados positivos no tratamento de crianças com TEA. Essas intervenções permitem que os pais desempenhem um papel ativo no processo terapêutico, reforçando as habilidades aprendidas nas sessões de terapia no ambiente doméstico (FERNANDES et al., 2022). A consistência entre o ambiente terapêutico e o ambiente familiar é fundamental para a generalização das habilidades e para o progresso contínuo da criança.

A musicoterapia também tem sido utilizada como uma intervenção eficaz no tratamento do TEA. Ao usar a música como meio de expressão, essa terapia ajuda a desenvolver habilidades de comunicação, socialização e coordenação motora

(ALMEIDA; ALPES; MANDRÁ, 2022). A música pode ser um canal de expressão para crianças que têm dificuldade em se comunicar verbalmente, proporcionando uma maneira alternativa de expressar emoções e interagir com o ambiente.

Apesar dos benefícios evidentes dessas abordagens, é importante destacar que a intensidade das terapias deve ser cuidadosamente monitorada para evitar a sobrecarga da criança. Estudos indicam que o excesso de terapias pode resultar em estresse, fadiga e até regressão em habilidades previamente adquiridas, conforme relatado por associações de familiares que denunciam a carga excessiva de intervenções recomendadas para crianças com TEA (ASSOCIAÇÕES, 2024). Assim, os profissionais devem trabalhar em conjunto para garantir que o plano terapêutico seja equilibrado e ajustado às necessidades individuais da criança.

Outro aspecto importante a considerar é a necessidade de integrar as diversas terapias de forma holística. Em vez de tratar as intervenções como segmentos isolados, uma abordagem integrada, que considere o desenvolvimento global da criança, tende a produzir melhores resultados. Por exemplo, combinar a terapia ocupacional com sessões de fonoaudiologia pode ajudar a criança a generalizar as habilidades aprendidas em diferentes contextos, promovendo uma evolução mais eficaz e natural (MASCARENHAS et al., 2022).

O tratamento do TEA é uma jornada de longo prazo que requer ajustes constantes no plano terapêutico. Conforme a criança cresce e suas necessidades mudam, as intervenções precisam ser adaptadas para refletir essas mudanças. É fundamental que o tratamento seja revisado regularmente, com o objetivo de maximizar os resultados e minimizar a sobrecarga (FERNANDES et al., 2022). Isso garante que as terapias continuem sendo benéficas e não se tornem uma fonte de estresse adicional para a criança e sua família.

Além das terapias já mencionadas, intervenções farmacológicas também podem ser utilizadas em casos onde os comportamentos desafiadores, como agressividade ou hiperatividade, são proeminentes. No entanto, os medicamentos devem ser prescritos com cautela e sempre em conjunto com intervenções terapêuticas, uma vez que não há cura farmacológica para o TEA (HIROTA; KING, 2023). O uso de medicamentos deve ser parte de uma abordagem multidisciplinar que considere todas as necessidades da criança.

Com o avanço das tecnologias, novas abordagens terapêuticas têm surgido, como o uso da realidade virtual para melhorar as habilidades sociais de crianças com TEA. A realidade virtual oferece um ambiente controlado e seguro onde a criança pode praticar interações sociais sem a pressão de lidar com o mundo real imediatamente (ALMEIDA; ALPES; MANDRÁ, 2022). Essa abordagem inovadora está mostrando resultados promissores, especialmente para crianças que têm dificuldade em lidar com estímulos imprevisíveis

1.1.2. A importância da intervenção precoce e contínua de forma proporcional

A intervenção precoce no Transtorno do Espectro Autista (TEA) é amplamente reconhecida como um fator crucial para o sucesso terapêutico e o desenvolvimento das habilidades de uma criança. Segundo Hirota e King (2023), "a intervenção precoce é considerada a abordagem mais eficaz para melhorar os resultados a longo prazo em crianças com TEA". Esse conceito se baseia na neuroplasticidade, ou seja, a capacidade do cérebro de se moldar e reorganizar conexões neuronais, especialmente durante os primeiros anos de vida, quando o cérebro está mais receptivo a novos aprendizados e estímulos.

Vários estudos destacam que os primeiros anos de vida, geralmente antes dos cinco anos de idade, são uma janela de oportunidade para a intervenção. Fernandes et al. (2022) afirmam que "a intervenção precoce permite que a criança autista desenvolva habilidades fundamentais, como a comunicação, a socialização e o controle de comportamento, em um momento em que o cérebro é mais adaptável às mudanças". O desenvolvimento de intervenções direcionadas a crianças pequenas com TEA têm mostrado, de forma consistente, resultados mais positivos em comparação com intervenções iniciadas mais tarde na vida.

Um dos aspectos centrais da intervenção precoce é o diagnóstico precoce. A detecção dos sinais de TEA nas primeiras fases da infância permite que as terapias sejam implementadas rapidamente, antes que os déficits comportamentais e de comunicação se tornem mais pronunciados. Mascarenhas et al. (2022) argumentam que "o diagnóstico precoce é fundamental para o início imediato da intervenção, o que pode reduzir a gravidade dos sintomas ao longo do desenvolvimento". De fato, as crianças diagnosticadas antes dos três anos tendem a mostrar melhores resultados em termos de habilidades sociais e cognitivas.

Além disso, a intervenção precoce é frequentemente associada a uma maior independência ao longo da vida. Estudos indicam que crianças que começam o tratamento em uma idade mais jovem são mais propensas a desenvolver habilidades de vida diária, como vestir-se, alimentar-se e interagir socialmente (FERNANDES et al., 2022). Isso ocorre porque, ao trabalhar desde cedo no desenvolvimento dessas habilidades, a criança tem mais tempo para praticá-las e generalizá-las em diferentes contextos.

No contexto das terapias comportamentais, como a ABA (Análise do Comportamento Aplicada), a intervenção precoce é essencial para moldar o comportamento e ensinar habilidades de maneira sistemática. De acordo com Almeida, Alpes e Mandrá (2022), "quando aplicada precocemente, a ABA pode produzir ganhos significativos nas áreas de comunicação, socialização e comportamento adaptativo". Ao iniciar a intervenção ABA nos primeiros anos de vida, a criança tem mais tempo para internalizar e aplicar as habilidades aprendidas, o que pode levar a uma maior independência no futuro.

Outra razão pela qual a intervenção precoce é importante está relacionada à prevenção de comportamentos problemáticos. Crianças com TEA que não recebem apoio terapêutico adequado nos primeiros anos de vida têm maior probabilidade de desenvolver comportamentos desafiadores, como agressividade, automutilação e comportamentos repetitivos, que podem se intensificar ao longo do tempo (Gaiato, 2018). A intervenção precoce permite que esses comportamentos sejam tratados antes de se tornarem profundamente enraizados, aumentando as chances de sucesso no tratamento.

A intervenção precoce também desempenha um papel crucial na redução da necessidade de intervenções mais intensivas e complexas no futuro. Segundo Fernandes et al. (2022), "quando o tratamento é iniciado em uma idade mais jovem, a necessidade de intervenções terapêuticas intensivas na adolescência e na vida adulta pode ser significativamente reduzida". Isso ocorre porque a criança desenvolve as habilidades necessárias para funcionar de maneira mais independente e eficaz, reduzindo a necessidade de suporte contínuo ao longo da vida.

Além disso, a continuidade das intervenções é igualmente importante para o desenvolvimento de crianças com TEA. A intervenção contínua, que se estende ao

longo dos anos, garante que as habilidades adquiridas nas primeiras fases da terapia sejam mantidas e aprimoradas ao longo do tempo (ALMEIDA; ALPES; MANDRÁ, 2022). O cérebro das crianças com TEA está em constante desenvolvimento, e as habilidades adquiridas precisam ser constantemente reforçadas para garantir sua generalização e aplicação em diferentes contextos.

A importância da continuidade também está relacionada ao fato de que as necessidades de uma criança com TEA podem mudar ao longo do tempo. Fernandes et al. (2022) destacam que "a intervenção contínua permite que o tratamento seja adaptado às mudanças nas necessidades da criança à medida que ela cresce e se desenvolve". Por exemplo, uma criança que inicialmente apresenta atrasos significativos na comunicação pode, com o tempo, progredir para trabalhar em habilidades mais avançadas, como a compreensão de regras sociais e a resolução de problemas.

A necessidade de adaptação contínua das terapias é um ponto-chave no tratamento do TEA. Estudos mostram que as crianças com TEA podem enfrentar diferentes desafios em diferentes estágios de desenvolvimento, o que exige uma reavaliação regular dos objetivos terapêuticos (HIROTA; KING, 2023). A flexibilidade no planejamento terapêutico é essencial para garantir que as intervenções sejam eficazes ao longo do tempo, promovendo o desenvolvimento contínuo da criança.

Outro ponto fundamental é o envolvimento da família no processo terapêutico. A intervenção precoce e contínua envolve não apenas a criança, mas também seus pais e cuidadores. Segundo Mascarenhas et al. (2022), "os pais desempenham um papel crucial na implementação das estratégias terapêuticas no ambiente doméstico, o que reforça as habilidades aprendidas durante as sessões".

A continuidade das intervenções em casa, com o apoio dos pais, é um fator determinante para o sucesso a longo prazo. O suporte parental é especialmente importante para a generalização das habilidades. Fernandes et al. (2022) afirmam que "as habilidades aprendidas na terapia são mais eficazes quando são praticadas em diferentes contextos, e o papel dos pais é garantir que essas habilidades sejam reforçadas em casa e na comunidade". Isso significa que a intervenção não deve ocorrer apenas no ambiente terapêutico, mas também em todos os aspectos da vida da criança.

Além disso, a intervenção precoce e contínua tem um impacto positivo na inclusão escolar de crianças com TEA. Almeida, Alpes e Mandrá (2022) observam que "crianças que recebem intervenção precoce têm maior probabilidade de serem incluídas em ambientes educacionais regulares, o que favorece seu desenvolvimento social e acadêmico". A inclusão escolar é um dos objetivos principais das intervenções no TEA, pois permite que a criança interaja com seus pares e desenvolva habilidades sociais em um ambiente natural.

A continuidade da intervenção também garante que as crianças com TEA estejam preparadas para enfrentar os desafios da transição para a adolescência e a vida adulta. Fernandes et al. (2022) apontam que "a adolescência é um período crítico para crianças com TEA, pois traz novos desafios sociais e acadêmicos". A intervenção contínua ajuda a preparar a criança para esses desafios, ensinando habilidades de resolução de problemas e estratégias de enfrentamento que serão essenciais para o sucesso na vida adulta.

Outro aspecto importante da intervenção contínua é a prevenção da regressão. Crianças com TEA que interrompem suas terapias correm o risco de perder habilidades que levaram tempo para serem desenvolvidas. Hirota e King (2023) afirmam que "a continuidade no tratamento é essencial para garantir que as habilidades adquiridas sejam mantidas ao longo do tempo, minimizando o risco de regressão". Isso destaca a importância de um plano terapêutico de longo prazo que garanta a evolução constante da criança.

A intervenção contínua também permite que novos desafios sejam abordados à medida que surgem. Fernandes et al. (2022) observam que "as necessidades das crianças com TEA mudam à medida que elas crescem, e a continuidade da intervenção permite que novos problemas sejam tratados de forma eficaz". Isso significa que, mesmo quando a criança atinge certos marcos no desenvolvimento, a intervenção deve continuar para abordar questões mais complexas, como habilidades sociais avançadas e independência.

Além de prevenir a regressão, a intervenção contínua também promove a generalização das habilidades em diferentes ambientes. De acordo com Almeida, Alpes e Mandrá (2022), "a generalização das habilidades adquiridas em um ambiente terapêutico para contextos da vida real é um dos maiores desafios no tratamento do TEA". A continuidade das intervenções ao longo do tempo garante que a criança

tenha a oportunidade de praticar essas habilidades em uma variedade de contextos, como em casa, na escola e na comunidade.

A questão da proporcionalidade nas intervenções terapêuticas para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um ponto central no planejamento de qualquer tratamento. Cada caso de TEA é único, variando de leve a grave, o que torna essencial a personalização das abordagens terapêuticas. Conforme apontam Hirota e King (2023), o espectro autista abrange uma gama diversificada de sintomas e níveis de comprometimento, e, portanto, as intervenções devem ser ajustadas às necessidades individuais de cada criança. Esse ajuste proporcional garante que o tratamento não sobrecarregue a criança com terapias excessivas ou intensas desnecessárias.

A gravidade do TEA é um fator determinante no desenvolvimento dos protocolos de atendimento. Crianças com TEA leve, por exemplo, podem apresentar dificuldades sutis nas habilidades sociais e de comunicação, mas possuem uma independência maior no seu dia a dia. Para essas crianças, intervenções focadas em habilidades específicas de socialização ou regulação emocional podem ser mais adequadas. Fernandes et al. (2022) enfatizam que “em casos menos graves, uma abordagem mais leve e gradual pode ser mais eficaz, evitando o risco de saturar a criança com terapias desnecessárias ou muito intensas”. Assim, é importante que o planejamento terapêutico seja feito de maneira cuidadosa, levando em consideração o nível de necessidade.

Por outro lado, crianças com TEA mais grave geralmente exigem um volume maior de intervenções, que abordam uma gama mais ampla de dificuldades, como déficits severos na comunicação, comportamentos repetitivos intensos e respostas atípicas a estímulos sensoriais. Nesses casos, as terapias podem ser mais intensivas e frequentes, como no uso de intervenções comportamentais mais estruturadas, como a ABA, para moldar comportamentos adaptativos e diminuir comportamentos desafiadores. Entretanto, mesmo nesses casos mais graves, a proporcionalidade continua sendo crucial, evitando que a criança seja sobrecarregada (ALMEIDA; ALPES; MANDRÁ, 2022).

A chave para a proporcionalidade está em uma avaliação multidisciplinar que considere o perfil único de cada criança, incluindo suas forças, fraquezas e necessidades específicas. Fernandes et al. (2022) reforçam a importância de "um plano terapêutico que respeite o ritmo individual da criança, sendo flexível o suficiente

para ser ajustado conforme necessário". Isso implica que, embora algumas crianças possam se beneficiar de sessões diárias de terapia intensiva, outras podem progredir com sessões menos frequentes, em um ritmo mais tranquilo, sem comprometer seu desenvolvimento.

Outro fator a considerar é a adaptação das intervenções à evolução da criança. A proporcionalidade nas intervenções deve ser dinâmica, ou seja, o plano terapêutico deve ser revisado e ajustado continuamente com base no progresso da criança. Por exemplo, uma criança que inicialmente necessitava de um suporte intensivo em comunicação pode, com o tempo, evoluir para uma fase em que intervenções menos frequentes e mais focadas sejam suficientes (HIROTA; KING, 2023). Essa flexibilidade assegura que a criança continue a se beneficiar do tratamento sem se sentir sobrecarregada por um número excessivo de sessões. Além disso, a proporcionalidade deve também estar presente na transição entre as fases do tratamento. Mascarenhas et al. (2022) sugerem que "as intervenções devem ser suavemente reduzidas à medida que a criança ganha independência, de modo que o ritmo terapêutico acompanhe a sua evolução". Essa transição gradual é importante para evitar uma dependência excessiva das terapias e promover a autonomia da criança no uso das habilidades adquiridas em diferentes contextos.

Observa-se então que, a proporcionalidade nas intervenções terapêuticas para crianças com TEA é uma prática essencial para garantir que o tratamento seja eficaz sem sobrecarregar a criança. As intervenções devem ser ajustadas à gravidade dos sintomas e ao ritmo individual de desenvolvimento, respeitando a singularidade de cada criança e promovendo um progresso sustentável ao longo do tempo (FERNANDES et al., 2022). Isso garante que as terapias sejam um suporte, e não uma fonte de estresse adicional, resultando em um tratamento mais eficaz e equilibrado

1.2. Características, diagnóstico e desafios clínicos

Hirota, King 2023, define as características do Transtorno do Espectro Autista (TEA) como sendo um distúrbio do neurodesenvolvimento que se manifesta em diferentes níveis de intensidade e comprometimento, afetando significativamente a comunicação social, os comportamentos e os interesses dos indivíduos

diagnosticados. De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), os critérios diagnósticos do TEA incluem déficits persistentes na comunicação e interação social, além de padrões de comportamento restritos e repetitivos. Essas características fazem do TEA um transtorno heterogêneo, o que justifica a classificação como "espectro" (HIROTA; KING, 2023).

Os sintomas do TEA frequentemente aparecem antes dos dois anos de idade, sendo percebidas por atrasos no desenvolvimento da fala, dificuldades de interação com os pares e comportamentos incomuns, como fixações em objetos ou rotinas. Além dos desafios centrais, o TEA pode estar associado a condições comórbidas, como transtornos de ansiedade, epilepsia, dificuldades alimentares e sensoriais, distúrbios do sono e deficiência intelectual (SALARI et al., 2022). Tais características tornam a abordagem clínica complexa, exigindo a integração de profissionais de diversas áreas.

Tendo a prevalência do TEA aumentado globalmente, vem sendo discutidas as possíveis causas, como estar relacionado, tanto à maior conscientização sobre o TEA quanto à ampliação dos critérios diagnósticos. Além disso, há uma prevalência significativamente maior em meninos, com uma proporção estimada de quatro meninos para cada menina diagnosticada (FERNANDES et al., 2022).

O diagnóstico precoce é um fator crítico no manejo do TEA. Ferramentas padronizadas, como a Escala de Observação para Diagnóstico do Autismo (ADOS) e a Entrevista Diagnóstica para o Autismo Revisada (ADI-R), têm desempenhado um papel fundamental na identificação de sinais precoces. Essas avaliações permitem que intervenções sejam iniciadas rapidamente, aproveitando a plasticidade cerebral nos primeiros anos de vida para promover o desenvolvimento de habilidades essenciais (MASCARENHAS et al., 2022).

1.3. Intervenções terapêuticas e sua importância no tratamento do TEA

As intervenções terapêuticas são componentes essenciais no manejo do TEA, fornecendo suporte para o desenvolvimento de habilidades sociais, de comunicação, cognitivas e adaptativas. O sucesso dessas intervenções depende de sua adequação às necessidades individuais da criança, sendo fundamental que sejam planejadas de forma personalizada e multidisciplinar.

Entre as abordagens terapêuticas mais utilizadas, destacam-se:

· **Análise do Comportamento Aplicada (ABA):** Uma metodologia baseada nos princípios do comportamento que utiliza reforço positivo para ensinar habilidades específicas e modificar comportamentos desafiadores. A ABA é amplamente reconhecida como uma abordagem eficaz, especialmente quando aplicada precocemente. No entanto, sua intensidade, que pode variar de 20 a 40 horas semanais, tem sido motivo de debate quanto ao impacto no bem-estar emocional da criança (FERNANDES et al., 2022).

- **Terapia ocupacional:** Focada no desenvolvimento de habilidades motoras e na integração sensorial, a terapia ocupacional ajuda a criança a se adaptar ao ambiente e a realizar atividades da vida diária. Esse suporte é essencial para crianças com dificuldades sensoriais, que muitas vezes enfrentam desafios com estímulos como sons, luzes ou texturas (ALMEIDA; ALPES; MANDRÁ, 2022).
- **Fonoaudiologia:** Uma intervenção central no tratamento de crianças com TEA, devido à prevalência de atrasos no desenvolvimento da linguagem. A fonoaudiologia trabalha para melhorar a comunicação verbal e não verbal, utilizando estratégias que vão desde exercícios estruturados até o uso de dispositivos de comunicação alternativa (MASCARENHAS et al., 2022).
- **Psicopedagogia:** Com foco no contexto educacional, essa abordagem adapta práticas pedagógicas às necessidades específicas da criança com TEA, promovendo a inclusão e o aprendizado.

1.4. Abordagens centradas no desenvolvimento e terapias inovadoras

Além das terapias tradicionais, abordagens centradas no desenvolvimento, como a Floortime e o Modelo Denver de Intervenção Precoce, têm ganhado destaque. Essas estratégias incentivam a interação espontânea e o desenvolvimento emocional, por meio de atividades lúdicas que respeitam os interesses da criança (FERNANDES et al., 2022).

Inovações tecnológicas, como o uso de realidade virtual, também têm sido exploradas como ferramentas terapêuticas, permitindo que crianças com TEA pratiquem habilidades sociais em ambientes controlados e seguros (ALMEIDA; ALPES; MANDRÁ, 2022).

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho consiste em uma revisão de literatura com abordagem qualitativa. De acordo com Souza et al. (2018), esse tipo de metodologia é eficaz para agrupar e sintetizar o conhecimento produzido sobre um tema específico, permitindo uma análise ordenada e coerente das evidências científicas disponíveis. Essa abordagem possibilita uma compreensão aprofundada dos estudos existentes, contribuindo para a discussão crítica e fundamentada do tema.

Com o objetivo de responder à questão de pesquisa “O excesso de atendimentos afeta a evolução clínica e o funcionamento adaptativo de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)?”, foram realizadas etapas estruturadas que incluíram: definição do tema, busca na literatura, seleção de fontes, redação, elaboração das referências e planejamento das estratégias e objetivos do estudo.

A pesquisa foi realizada nas bases SciELO e MEDLINE/PubMed por meio da plataforma CAPES, além de buscas no Google Acadêmico, abrangendo publicações em português e inglês no período de 2000 a 2024. O desenvolvimento do estudo ocorreu entre novembro e dezembro de 2024.

Os descritores utilizados foram: transtorno do espectro autista, excesso, intervenções, terapias e intensivas. As palavras-chave empregadas, nos idiomas português e inglês, incluíram: autismo, tratamento e excesso de atendimento. A escolha desses termos visou garantir amplitude e especificidade na identificação dos estudos relevantes.

No total, foram analisados 50 artigos. Destes, 15 artigos duplicados e 10 artigos que não se enquadraram nas temáticas definidas foram excluídos. Ao final do processo, 3 artigos foram selecionados como base para a discussão do estudo, enquanto 22 artigos foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão.

O quadro 01 abaixo detalha os dados dos trabalhos selecionados para o presente estudo.

Quadro 1. Trabalhos selecionados para o estudo.

Título	Desenho do Estudo / Ano	Objetivos	Resultados	Conclusão
Excesso de intervenções em crianças com TEA	Revisão de Literatura. 2022	Analisar os impactos do excesso de terapias no TEA	Sobrecarga emocional e regressão em habilidades adquiridas	Necessidade de intervenções personalizadas e equilibradas.
Prevalência global do TEA	Revisão Sistemática e Meta-Análise. 2022	Estimar a prevalência do TEA globalmente	Prevalência de 1% e alta sensibilidade a critérios diagnósticos	A importância do diagnóstico precoce e métodos adaptativos.
Impacto do excesso de terapias em crianças TEA	Estudo Longitudinal. 2022	Investigar a relação entre terapias intensivas e adaptação	Sobrecarga sensorial reduz a eficácia das terapias	Reforça a relevância do equilíbrio entre intervenções estruturadas e interações espontâneas.

Fonte: arquivo próprio.

3. DISCUSSÃO

3.1. O Problema do excesso de atendimentos e justificativa do estudo

O excesso de intervenções terapêuticas em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode gerar impactos adversos significativos no bem-estar emocional e físico das crianças. A intensificação das terapias, caracterizada por múltiplas sessões diárias ou semanais, frequentemente excede a capacidade de assimilação da criança, resultando em cansaço, estresse e irritabilidade. Esse cenário é particularmente preocupante, considerando que crianças com TEA apresentam, em sua maioria, maior sensibilidade a estímulos e alterações na rotina, o que amplifica os efeitos negativos da sobrecarga terapêutica (FERNANDES et al., 2022).

Estudos apontam que a sobrecarga de atividades estruturadas pode provocar regressão em habilidades previamente adquiridas, aumento de comportamentos desafiadores e redução da motivação intrínseca para aprender e explorar novos contextos (HIROTA; KING, 2023). Dessa forma, o equilíbrio entre intervenções terapêuticas e atividades livres é indispensável para o desenvolvimento integral, proporcionando momentos de descontração, criatividade e interação espontânea.

Um aspecto central no TEA é o desenvolvimento do funcionamento adaptativo, que engloba habilidades práticas, sociais e conceituais necessárias para a independência cotidiana. Quando a agenda da criança é sobrecarregada por intervenções terapêuticas, o tempo disponível para atividades espontâneas e interações com familiares e colegas diminui consideravelmente. Essas atividades são fundamentais para o desenvolvimento social. Brincadeiras, jogos e interações não estruturadas, muitas vezes substituídas por terapias, limitam a oportunidade de aplicar naturalmente as habilidades adquiridas (MASCARENHAS et al., 2022).

A sobrecarga sensorial, uma característica comum em crianças com TEA, também é intensificada pelo excesso de intervenções. A exposição contínua a estímulos em contextos terapêuticos, como luzes, sons e demandas comportamentais, pode resultar em exaustão emocional, crises sensoriais e aumento da ansiedade. Tais fatores não apenas dificultam o progresso terapêutico, mas também comprometem a qualidade de vida da criança, prejudicando sua capacidade de adaptação ao ambiente de maneira natural e funcional (LAUREANO et al., 2017).

Os impactos do excesso de intervenções não se restringem às crianças. As famílias de crianças com TEA frequentemente enfrentam desafios significativos para atender às exigências terapêuticas, tanto em termos de tempo quanto de recursos financeiros. A pressão social e profissional para oferecer o "melhor tratamento possível" pode levar os cuidadores a rotinas extenuantes, frequentemente sacrificando momentos de convívio familiar e lazer (ASSOCIAÇÕES, 2024).

O desgaste emocional dos cuidadores é agravado pela dificuldade em equilibrar as necessidades da criança com TEA e as demandas dos demais membros da família. Esse contexto pode gerar sentimentos de frustração, culpa e impotência, afetando negativamente a dinâmica familiar. Além disso, a dificuldade em identificar o ponto de equilíbrio entre o número de intervenções necessárias e o bem-estar da criança perpetua um ciclo de estresse e sobrecarga, impactando tanto a criança quanto sua família (FERNANDES et al., 2022).

A busca por intervenções intensivas também levanta dilemas éticos e profissionais. Por um lado, os terapeutas têm a responsabilidade de oferecer o melhor cuidado possível, assegurando que as necessidades específicas de cada criança sejam atendidas. Por outro lado, é crucial considerar os limites físicos e emocionais da criança e de sua família, evitando práticas que priorizem a quantidade de sessões em detrimento da qualidade do atendimento (GAIATO, 2018).

A falta de consenso sobre a intensidade ideal das terapias contribui para a aplicação de práticas desproporcionais, muitas vezes impulsionadas por pressões sociais e expectativas de resultados rápidos. Esse cenário evidencia a necessidade de diretrizes claras e baseadas em evidências que orientem os profissionais sobre a frequência e intensidade das intervenções, considerando sempre as particularidades de cada caso.

O presente estudo justifica-se pela necessidade de compreender os impactos adversos do excesso de atendimentos em crianças com TEA e de promover abordagens terapêuticas mais equilibradas e individualizadas. A literatura científica destaca a relevância de intervenções personalizadas que respeitem o ritmo de desenvolvimento da criança, valorizando tanto as terapias estruturadas quanto as interações espontâneas e atividades lúdicas (FERNANDES et al., 2022).

Por fim, é essencial sensibilizar profissionais, famílias e formuladores de

políticas públicas sobre a importância de um planejamento terapêutico que priorize o bem-estar integral da criança. O equilíbrio entre intervenções terapêuticas, tempo de descanso, lazer e interação social é fundamental para garantir um desenvolvimento saudável e sustentável. Este estudo visa contribuir para a prática clínica e a elaboração de estratégias que respeitem as necessidades e os limites das crianças com TEA e de suas famílias, promovendo suporte efetivo e humanizado.

3.2. Como o Excesso de Intervenções Afeta o Funcionamento Adaptativo

O excesso de terapias em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode causar impactos significativos no bem-estar emocional e físico, comprometendo tanto a eficácia das intervenções quanto o desenvolvimento integral da criança. Embora as terapias sejam fundamentais para promover habilidades sociais, cognitivas e adaptativas, a intensidade e a frequência excessiva de atendimentos podem desencadear problemas que vão além de cansaço e fadiga.

O excesso de intervenções frequentemente resulta em aumento dos níveis de estresse e ansiedade, especialmente quando as sessões são realizadas sem intervalos adequados para descanso e lazer. Crianças com TEA, que geralmente possuem maior sensibilidade a mudanças na rotina e demandas intensivas, podem reagir com comportamentos desafiadores, como choro excessivo, agressividade, recusa em participar das atividades ou isolamento social (FERNANDES et al., 2022).

A exposição constante a ambientes terapêuticos estruturados pode inibir a criatividade e a espontaneidade, elementos essenciais para o desenvolvimento emocional saudável. Além disso, a pressão para atingir metas terapêuticas específicas pode gerar frustração, tanto na criança quanto em seus cuidadores, especialmente quando os progressos esperados não são alcançados ou as necessidades individuais não são devidamente consideradas. Essa situação pode levar à desmotivação e a uma percepção negativa das terapias (HIROTA; KING, 2023).

Outro impacto relevante é a redução do tempo disponível para interações sociais naturais e atividades lúdicas. Brincadeiras, interações com familiares e exploração do ambiente são cruciais para o desenvolvimento socioemocional. Quando substituídas por agendas terapêuticas intensivas, a criança pode perder oportunidades valiosas de desenvolver habilidades emocionais e sociais em

contextos não estruturados (MASCARENHAS et al., 2022).

Fisicamente, o excesso de terapias pode causar cansaço extremo, prejudicando a concentração e o engajamento durante as sessões. Crianças submetidas a múltiplas intervenções diárias frequentemente apresentam sinais de exaustão, como irritabilidade, sonolência e diminuição do apetite, o que afeta tanto a eficácia das terapias quanto a qualidade de vida (FERNANDES et al., 2022).

Além disso, a falta de tempo para descanso pode enfraquecer o sistema imunológico, tornando a criança mais suscetível a doenças. Atividades terapêuticas com demandas físicas intensas também podem provocar desconfortos, como dores musculares, especialmente em crianças com condições médicas associadas, como hipotonia muscular (LAUREANO et al., 2017).

Rotinas excessivamente ocupadas interferem em aspectos essenciais do desenvolvimento infantil, como alimentação, sono e interação familiar. Crianças com agendas sobrecarregadas podem enfrentar dificuldades em manter horários regulares para refeições e descanso, aumentando o risco de distúrbios do sono e problemas nutricionais. Essas irregularidades criam um ciclo de cansaço e irritabilidade que compromete ainda mais o progresso terapêutico (FERNANDES et al., 2022). O tempo dedicado às terapias frequentemente reduz a oportunidade para atividades prazerosas, como passeios, brincadeiras ao ar livre e convívio familiar, momentos essenciais para a construção de vínculos afetivos e a criação de um ambiente seguro e equilibrado.

Para minimizar os impactos negativos, é imprescindível que o planejamento terapêutico seja equilibrado e personalizado, respeitando o ritmo individual de cada criança. Pausas adequadas entre as sessões e a inclusão de atividades lúdicas, como musicoterapia e terapia assistida por animais, são alternativas eficazes para reduzir a carga emocional e física das intervenções (GAIATO, 2018).

O envolvimento da família no planejamento das terapias é outro fator crucial. Pais e cuidadores devem ser capacitados para reconhecer sinais de sobrecarga e colaborar na definição de metas terapêuticas realistas, priorizando sempre o bem estar da criança. A colaboração entre profissionais e famílias é essencial para criar uma abordagem equilibrada, que promova tanto o desenvolvimento clínico quanto a qualidade de vida.

Em síntese, o excesso de intervenções terapêuticas em crianças com TEA pode comprometer significativamente o bem-estar emocional e físico, além de limitar os avanços terapêuticos. É fundamental que as intervenções sejam cuidadosamente planejadas e monitoradas, respeitando os limites individuais e promovendo um equilíbrio saudável entre terapias estruturadas, descanso e lazer. Somente dessa forma será possível alcançar um desenvolvimento integral e sustentável, permitindo que a criança explore plenamente seu potencial sem comprometer sua saúde e felicidade.

3.3. Sobrecarga sensorial e sua influência na evolução clínica

A sensibilidade sensorial é uma característica central no Transtorno do Espectro Autista (TEA), manifestando-se como hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos como sons, luzes, texturas, cheiros e movimentos. Quando crianças com TEA são submetidas a múltiplas terapias intensivas, o risco de sobrecarga sensorial aumenta significativamente, comprometendo tanto a evolução clínica quanto a qualidade de vida.

Crianças com TEA frequentemente apresentam sistemas sensoriais altamente reativos, processando estímulos do ambiente de maneira exagerada ou insuficiente. Embora os ambientes terapêuticos sejam projetados para oferecer controle e segurança, eles frequentemente envolvem estímulos como luzes brilhantes, sons de equipamentos, interações verbais intensas ou toques repetitivos, que podem se tornar avassaladores (LAUREANO et al., 2017).

A exposição prolongada a esses estímulos, especialmente em sessões contínuas ou mal planejadas, pode desencadear crises emocionais, comportamentos desafiadores ou retraimento social. Essas reações frequentemente levam à resistência da criança a novas sessões de terapia, prejudicando tanto o progresso clínico quanto o relacionamento com os profissionais envolvidos (FERNANDES et al., 2022).

A sobrecarga sensorial não apenas impacta o bem-estar imediato da criança, mas também reduz a eficácia das intervenções terapêuticas. Quando o sistema nervoso está sobrecarregado, a capacidade de processar informações e aprender novas habilidades diminui significativamente. Isso limita o engajamento da criança durante as sessões e dificulta a consolidação e generalização das habilidades adquiridas.

Além disso, a exposição contínua a ambientes sensorialmente estressantes pode agravar problemas comportamentais e emocionais, como irritabilidade, agressividade e retraimento. Essas reações criam um ciclo de desafios que afetam negativamente o relacionamento da criança com seus cuidadores, terapeutas e pares, interferindo diretamente na sua evolução clínica (MASCARENHAS et al., 2022).

A sobrecarga sensorial também interfere no desenvolvimento do funcionamento adaptativo, que inclui habilidades práticas e sociais essenciais para a independência no dia a dia. Crianças constantemente expostas a estímulos sensoriais excessivos têm menos oportunidades de se engajar em atividades espontâneas, como brincar ou interagir de maneira natural. Essa falta de oportunidades prejudica o desenvolvimento de competências cruciais, como resolução de problemas, habilidades sociais e autorregulação emocional (HIROTA; KING, 2023).

Estratégias para Mitigação da Sobrecarga Sensorial

Reduzir a sobrecarga sensorial em contextos terapêuticos requer uma abordagem cuidadosa e personalizada. Existem diversas estratégias para reduzir alterações sensoriais de modulação ou dispraxia, entre elas temos como mais eficazes:

- Controle de iluminação: Utilizar luzes suaves e naturais para minimizar estímulos visuais excessivos.
- Redução de ruídos: Implementar isolamento acústico ou fones de ouvido protetores para minimizar estímulos auditivos.
- Pausas sensoriais: Oferecer intervalos durante as sessões para que a criança descanse em um ambiente calmo e previsível.
- Adaptação das demandas: Priorizar atividades que respeitem o ritmo da criança e suas necessidades sensoriais específicas (LAUREANO et al., 2017).

Treinar terapeutas para identificar sinais precoces de sobrecarga sensorial também é fundamental. Essa habilidade permite ajustes em tempo real, prevenindo que as sessões se tornem contraproducentes. A colaboração com a família é igualmente essencial, garantindo que os contextos sensoriais da casa e da escola

sejam considerados no planejamento terapêutico.

Garantir um equilíbrio sensorial adequado é crucial para maximizar os benefícios das intervenções e promover uma evolução clínica consistente. Isso não envolve apenas a redução de estímulos desnecessários, mas também a criação de um ambiente que priorize a segurança e o conforto sensorial da criança. O equilíbrio entre estimulação e regulação sensorial promove um maior engajamento nas terapias, potencializando os resultados e contribuindo para um desenvolvimento saudável e sustentável (FERNANDES et al., 2022).

A sobrecarga sensorial é um desafio central no manejo terapêutico de crianças com TEA, especialmente em contextos de múltiplas intervenções. Com estratégias adequadas e um planejamento cuidadoso, é possível minimizar os impactos negativos, promovendo tanto o progresso clínico quanto o bem-estar geral da criança e sua família.

3.4. Regressão e estagnação em habilidades devido à sobrecarga terapêutica

O excesso de intervenções terapêuticas em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode causar não apenas impactos emocionais e físicos, mas também prejudicar o progresso no desenvolvimento de habilidades, resultando em regressão ou estagnação. Embora as terapias sejam fundamentais para o desenvolvimento de competências sociais, emocionais e cognitivas, sua aplicação desproporcional pode sobrecarregar as crianças, comprometendo a capacidade de adquirir e consolidar novos aprendizados.

A regressão de habilidades ocorre quando uma criança perde ou apresenta dificuldade em utilizar competências previamente adquiridas. Esse fenômeno é particularmente comum em contextos de sobrecarga terapêutica, onde o alto volume de sessões e demandas supera a capacidade da criança de processar e integrar o aprendizado. Por exemplo, crianças que haviam desenvolvido habilidades de comunicação funcional podem apresentar retrocessos, voltando a utilizar gestos ou formas menos eficazes de interação, em razão do estresse e cansaço associados a rotinas terapêuticas intensas (FERNANDES et al., 2022).

Esse retrocesso é frequentemente acompanhado por um aumento de comportamentos desafiadores, como crises de irritação, recusa em participar das sessões e isolamento social. A saturação emocional causada pela exposição intensa a atividades estruturadas pode levar a uma associação negativa com o ambiente terapêutico, desencadeando aversão e resistência que dificultam ainda mais o processo de aprendizado.

Por outro lado, a estagnação ocorre quando a criança não apresenta avanços em suas competências, mesmo após várias sessões terapêuticas. Esse problema é exacerbado quando as intervenções não são personalizadas, adotando uma abordagem padronizada que desconsidera as particularidades da criança.

Além disso, a repetição excessiva de atividades sem tempo adequado para a prática espontânea e a generalização limita o progresso, pois a criança pode se sentir desmotivada ou desinteressada (HIROTA; KING, 2023).

Outro fator relevante para a estagnação é a falta de integração entre diferentes abordagens terapêuticas. Quando múltiplos profissionais trabalham de forma isolada, sem coordenação, pode haver sobreposição de metas e técnicas, o que confunde a criança e limita sua capacidade de aplicar os aprendizados em diferentes contextos.

Fatores que Agravam a Sobrecarga Terapêutica:

Diversos fatores contribuem para os impactos negativos da sobrecarga terapêutica no progresso das crianças com TEA:

- Falta de pausas adequadas: A ausência de intervalos entre sessões reduz a capacidade de assimilação e descanso da criança, prejudicando seu desempenho cognitivo e emocional.
- Expectativas irreais: Metas terapêuticas que não respeitam o ritmo individual da criança podem causar frustração, tanto para ela quanto para os cuidadores e terapeutas.

- Foco excessivo em resultados rápidos: A pressão por avanços imediatos pode levar a abordagens intensivas que priorizam quantidade em detrimento de qualidade, comprometendo a consolidação das habilidades.
- Falta de atividades espontâneas: Crianças com agendas lotadas têm menos oportunidades de explorar ambientes e interagir de forma natural, dificultando a generalização dos aprendizados.

A regressão e a estagnação em habilidades não apenas comprometem os ganhos terapêuticos, mas também afetam o bem-estar geral da criança e de sua família. A frustração com a falta de progresso pode desmotivar os cuidadores, que frequentemente enfrentam desafios emocionais e financeiros para manter o acesso às intervenções. Além disso, a ausência de avanços nas habilidades sociais e adaptativas limita a independência da criança a longo prazo, dificultando sua integração em contextos escolares e comunitários (MASCARENHAS et al., 2022).

Estratégias para Prevenir Regressão e Estagnação:

Para evitar esses problemas, é essencial que as intervenções sejam planejadas de forma personalizada, considerando as necessidades, capacidades e limites de cada criança. Entre as estratégias mais eficazes, destacam-se:

- Planejamento individualizado: Estabelecer metas realistas e alinhadas ao ritmo da criança para garantir avanços consistentes.
- Integração de abordagens: Coordenar diferentes profissionais e terapias para promover uma abordagem holística, evitando redundâncias e conflitos nos métodos.
- Momentos de descanso e lazer: Garantir intervalos regulares entre sessões e incluir atividades espontâneas na rotina permite que a criança assimile aprendizados e explore novas habilidades naturalmente.
- Monitoramento contínuo: Realizar avaliações regulares do progresso para

ajustar o plano terapêutico e identificar sinais de sobrecarga.

- Participação familiar: Envolver cuidadores no processo terapêutico para reforçar as habilidades aprendidas em casa, promovendo sua generalização em diferentes contextos.

A regressão e a estagnação em habilidades são consequências preocupantes da sobrecarga terapêutica em crianças com TEA, destacando a importância de um planejamento equilibrado e adaptado às necessidades individuais. Ao respeitar os limites da criança e adotar estratégias personalizadas e integradas, é possível minimizar os impactos negativos e promover um desenvolvimento consistente e sustentável. Dessa forma, as terapias não apenas contribuem para a aquisição de habilidades, mas também garantem o bem-estar geral da criança, proporcionando um ambiente acolhedor e favorável ao seu crescimento integral

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo destaca a relevância de compreender os impactos adversos do excesso de intervenções terapêuticas em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a necessidade de promover abordagens mais equilibradas e individualizadas. A literatura científica evidencia a importância de intervenções que respeitem o ritmo de desenvolvimento de cada criança, valorizando tanto as terapias estruturadas quanto as interações espontâneas e as atividades lúdicas, essenciais para o bem-estar emocional e físico (FERNANDES et al., 2022).

A intensificação das intervenções terapêuticas levanta dilemas éticos e profissionais para os terapeutas. Embora o objetivo seja atender às necessidades específicas de cada criança, é imprescindível considerar os limites físicos e emocionais da criança e da família. Práticas que priorizam a quantidade de sessões em detrimento da qualidade do atendimento podem gerar sobrecarga, comprometendo o progresso terapêutico e a qualidade de vida (Gaiato, 2018).

Além disso, o tempo dedicado exclusivamente às terapias frequentemente reduz a oportunidade de participar de atividades prazerosas, como brincadeiras ao ar livre, passeios e momentos de convivência familiar. Tais atividades são fundamentais para fortalecer os vínculos afetivos e criar um ambiente equilibrado, onde a criança se sinta segura, apoiada e capaz de explorar o mundo ao seu redor.

Para mitigar os efeitos negativos da sobrecarga terapêutica, é essencial que o planejamento das intervenções seja equilibrado e adaptado às particularidades de cada criança. Pausas regulares entre as sessões, aliadas à inclusão de atividades lúdicas e prazerosas, como musicoterapia e terapia assistida por animais, podem reduzir significativamente a carga emocional e física das terapias, promovendo um desenvolvimento mais saudável e sustentável (Gaiato, 2018).

O envolvimento ativo da família é um aspecto indispensável nesse processo. Capacitar os pais e cuidadores para reconhecer sinais de sobrecarga e estabelecer metas terapêuticas realistas contribui para uma abordagem que prioriza o bem-estar da criança. A colaboração entre profissionais e familiares é essencial para equilibrar o desenvolvimento clínico com a qualidade de vida, garantindo que as terapias sejam eficazes sem sacrificar os momentos de interação e lazer.

A falta de consenso sobre a intensidade ideal das intervenções muitas vezes resulta na aplicação de práticas desproporcionais, impulsionadas por pressões sociais e expectativas de resultados rápidos. Essa realidade evidencia a necessidade de diretrizes claras e baseadas em evidências, que orientem os profissionais sobre a frequência e intensidade das intervenções, considerando as especificidades de cada caso.

Os efeitos prejudiciais do excesso de intervenções terapêuticas em crianças com TEA reforçam a urgência de um planejamento cuidadoso e monitorado, que respeite os limites individuais e equilibre terapias estruturadas com momentos de descanso e lazer. Apenas dessa forma será possível alcançar um desenvolvimento integral e sustentável, garantindo que a criança explore todo o seu potencial sem comprometer sua saúde e felicidade.

Por fim, é imprescindível sensibilizar profissionais, famílias e formuladores de políticas públicas sobre a importância de um planejamento terapêutico centrado no bem-estar integral da criança. O equilíbrio entre intervenções terapêuticas, descanso, lazer e interação social é essencial para promover um desenvolvimento saudável e sustentável. Este estudo busca contribuir para a prática clínica e a formulação de estratégias que respeitem as necessidades e limites das crianças com TEA e de suas famílias, oferecendo suporte efetivo e humanizado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Elisa Cintra de; ALPES, Matheus Franco; MANDRÁ, Patrícia Pupin. **A prática da telefonaudiologia: percepções de fonoaudiólogos brasileiros.** Revista CEFAC, v. 24, p. e5022, 2022.

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda *et al.* **O papel do fonoaudiólogo e o foco da intervenção no TEA.** In: CoDAS. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, v.3, n. 5, e20210264, 2022.

HIROTA, Tomoya; KING, Bryan H. **Autism spectrum disorder: a review.** Jama, v. 329, n. 2, p. 157-168, 2023.

MASCARENHAS, Bruna Barreto *et al.* **Fonoaudiologia em crianças autistas: como os tratamentos podem ajudar no desenvolvimento.** Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, v. 11, n. 13, pág. e03111334325-e03111334325, 2022.

SALARI, Nader *et al.* **The global prevalence of autism spectrum disorder: a comprehensive systematic review and meta-analysis.** Italian Journal of Pediatrics, v.48, n. 1, p. 112, 2022.

GAIATO, Mayra. **SOS autismo: guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista.** Nversos, 2018.

LAUREANO, Claudia de Jesus Braz *et al.* **Recomendações projetuais para ambientes com atendimento de terapia sensorial direcionados a crianças com autismo.** 2017.

PAES, Bárbara Pepe; DA ROCHA, Marina Monzani; DE LA HIGUEIRA AMATO, Cibelle Albuquerque. **Funcionalidade da comunicação e problemas de comportamento em crianças autistas: A visão do acompanhante terapêutico.** Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, v.23, n. 1, p. 31-52, 2023.

DA SILVEIRA, Rafael. **A importância das intervenções psicopedagógicas com crianças autistas.** Cadernos da FUCAMP, v. 19, n. 38, 2020.

FERREIRA, Tânia; VORCARO, Angela. **O tratamento psicanalítico de crianças autistas: Diálogo com múltiplas experiências.** Autêntica, 2017.

ASSOCIAÇÕES de familiares denunciam carga excessiva de terapias recomendadas para autismo. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 18 set. 2024. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2024/09/associacoes-de-familiares-denunciam-carga-excessiva-de-terapias-recomendadas-para-autismo.shtml>.

Acesso em: 17 out. 2024.